



Entrudo

em Carrazeda de Ansiães



O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • **5370-347 MIRANDELA**
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • **5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES**
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • **5370 MIRANDELA**
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta
Carmo



STIHL
HONDA



DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

☎ 965 307 759 ☎ 278 108 717

Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Folares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburger



DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30
5140-182 Parambos
Carrazeda de Ansiães
Trás-os-Montes

Tel.: 278 685 233
E-mail: dapuri@hotmail.com
<http://docesdapurietc.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



Decar, Moveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas
Parquet flutuante | Soalhos | Forros
Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães

JMLIMA
soc. mediação de seguros

José Lima
TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

SuperMaisAnsiães

Rua Drº José João de Freitas Nº 50 • 5140-069 - Carrazeda de Ansiães
Tlf/Fax 278 615 000

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornalopombal@gmail.com
jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

Fotografia

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; José Mesquita; Fátima Santos; Adriana
Teixeira; Susana Bento; Matilde Teixeira; Hermínia Almeida;
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões
Assinatura Anual (Sócios)
Portugal: 8,00 Euros;
Europa: 18,00 Euros;
Resto do Mundo: 25,00 Euros
Assinatura Anual (Não Sócios)
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)
Livraria/Papellaria CLIP
(Vila Flor)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL**Fernanda
Natália**

Quando vejo grupos de jovens juntos que, em vez de conversarem ou terem uma atividade que transmita o verdadeiro espírito de grupo, a teclear no telemóvel, vêm-me à ideia os meus tempos de meninice e juventude, quando no recreio da escola jogávamos à macaca, saltávamos à corda, jogávamos ao lencinho ou à cabra-cega, aprendíamos jogando aos reis e rainhas...e quanto nos divertíamos! Depois, nas festas de aniversário havia sempre à disposição o Jogo da Glória, o Monopólio, havia uns teatrinhos e o jogo das cadeiras. Eu sei que os tempos são outros, mas assusta-me a rapidez com que as novas tecnologias estão a tomar conta da vida daqueles que hão-de descontar para a minha reforma. E, quando vejo um quadro que retrata as brincadeiras das crianças do século XV, ainda mais assustada fico ao perceber que muitas das brincadeiras de antanho também foram as minhas. Acredito que o Mundo está numa espécie de rota de colisão consigo mesmo tal a rapidez com que tudo muda, tornando o agora praticamente anacrónico. Contudo, há coisas que nem as novas tecnologias mudam, podem é ter algumas nuances mas a essência das “coisas” permanece.

Há pouco fiz referência à dança das cadeiras que animava as festas da minha infância. Então, crianças e jovens dançavam ao som de uma música em redor das cadeiras e quando aquela parava faltava sempre uma cadeira e obrigava o mais lento a sair do jogo. Pensando bem, este jogo ainda continua a ter adeptos e muitos, por sinal. Acontece que as regras são outras: umas vezes dança à volta das cadeiras um grupo de uma mesma equipa que, quando perde, ou não, (porque há ‘exceções excecionais’) dá lugar a outra equipa. A grande diferença é que, neste jogo, se vão acrescentando cadeiras, ou se vai mudando de cadeira e, certo, certo, é que muitos ambicionam por entrar no jogo só para terem direito a uma cadeira e nem se importam de, se preciso for, mudar de equipa. Começo a pensar que a ideia de que “quando se vir um porco a andar de bicicleta já se viu tudo”, não corresponde inteiramente à verdade. E eu, que numa avenida de Viena de Áustria vi uma jovem passear pela trela uma porca, pensei que já não haveria nada para me surpreender. Mas não, a cada dia que passa há sempre algo ou alguém que me faz remeter o pensamento para uma frase que um dia li, no tempo em que os livros eram considerados importante fonte de conhecimento: “se algo na vida te espanta, canta!” A tomar à letra esta expressão, acredito que teria de seguir à risca o título da canção que celebrou Maria Guinot no Eurofestival: “Cantarei, até que a voz me doa”. Com a velocidade superior à da luz, as surpresas surgem em tal quantidade que, creio eu, não demoraria muito a ter de comprar pastilhas para a garganta.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Tlf.: 278 610 040

Tlm.: 917 838 018

Fax: 278 610 049

vanguardalda@gmail.com

Delegado Centro Sul (Coimbra)

Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães



RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
5140-100 Carrazeda de Ansiães

Internet: www.radioansiaes.pt

E-mail: geral@radioansiaes.pt

Dep. Comercial: 910 043 373

Participar nos programas:

Telefone: 278616295

SMS: 912217320

musica@radioansiaes.pt

Publicidade:

910043373

278616365

Email: geral@radioansiaes.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração
no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães)

IBAN - PT50 0045 2190 40052054541 39

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telem. 912 224 418



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e
Cartório Notarial
de Carrazeda de Ansiães**

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100.º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 08/02/2016, lavrada a partir de cento e uma do respetivo livro de notas número oitenta e dois C,

Luís Augusto Almeida, NIF 117 349 496, e mulher Dinora Lurdes Jerónimo Almeida, NIF 144 423 570, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Pereiros, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua da Fonte, n.º 41, Codeçais, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia do Pereiros, concelho de Carrazeda de Ansiães:

Um) um sexto indiviso de um prédio urbano composto de casa térrea, com a área coberta de oitocentos metros quadrados e área descoberta de sessenta e cinco metros quadrados, sito na Fonte, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 186, com o valor patrimonial correspondente à fração de € 811,67, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e dezoito, onde se mostra registada a aquisição de cinco sextos indivisos a favor dos justificantes, conforme inscrição apresentação quatro de vinte e quatro de julho de mil novecentos e noventa e oito, e sem qualquer inscrição em vigor quanto a um sexto indiviso, a que atribuem igual valor;

Dois) prédio rústico composto de terra com figueiras e olival, com a área de quatro mil e trezentos metros quadrados, sito na Pedra Longa, a confrontar a norte com caminho de ferro, a sul com Manuel Augusto dos Santos, a nascente com João Ferreira Aguiar e a poente com Isabel Maria Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 204, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 1 107,02, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, a que atribuem igual valor. Que o prédio indicado em um se encontra, por erro de medição, descrito na referida Conservatória com erro quanto à área, sendo que sempre teve a área total de oitocentos e sessenta e cinco metros quadrados (oitocentos metros quadrados de área coberta e sessenta e cinco metros quadrados de área descoberta), e não a constante da respetiva descrição predial, conforme consta de planta topográfica anexa, não

tendo sofrido qualquer alteração na sua configuração, pretendendo agora retificar a sua descrição nos termos sobreditos.

Que, adquiriram o prédio indicado em um, já no estado de casados, no ano de mil novecentos e oitenta e quatro, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Fernando João Figueiredo, que foi solteiro e residente no dito Pereiros. Que, adquiriram o prédio indicado em dois, já no estado de casados, no ano de mil novecentos e oitenta e quatro, por doação meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública feita por António Manuel Jerónimo, que foi viúvo e residente no dito Codeçais.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, no prédio rústico, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, e no prédio urbano, de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, utilizando a área descoberta como quintal, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios rústico e urbano por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

08.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 103.

O NOVO TALHO NOVO



talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

SERRALHARIA A NOVA
DE: Albino Augusto Carvalho
FERRO E ALUMÍNIO

Zona Industrial, Lote 6 * Tel/Fax 278 615 268
Telm: 917 601 847 * 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 10/02/2016, lavrada a partir de cento e cinco do respectivo livro de notas número oitenta e dois C,

Dinora Paula Fernandes Grácio, NIF 154 976 610, casada sob o regime da comunhão de adquiridos com Luís Francisco Simões Grácio, natural de Moçambique, residente na Av. Du Grand Champsec, 13, 1950 Sion, Suíça, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora de um prédio rústico sito na Galega, freguesia de Pereiros, concelho de Carrazeda de Ansiães, composto de terra para trigo com oliveiras, com a área de duzentos e vinte e cinco metros quadrados, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 414, com o valor patrimonial tributário de € 79,58, descrito na competente conservatória sob o número cinquenta e nove, com aquisição em comum e sem determinação de parte ou direito registada a favor de Alcino Ferreira da Silva, casado com Maria das Mercês Rito da Silva, Amália da Assunção Ferreira da Silva, casada com Manuel do Nascimento Moutinho, Irene Laçalete da Silva Ferreira, casada com João António Jerónimo, Márcia do Amparo Ferreira da Silva, casada com Alexandre Avelino Rodrigues, pela inscrição com apresentação dois de cinco de dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco.

Que, apesar do prédio indicado estar ali inscrito a favor dos referidos titulares inscritos, o mesmo é pertença da justificante na totalidade.

Que, entrou na posse do referido prédio por doação

verbal, ainda no estado de solteira, feita por Guilhermino Augusto Fernandes e mulher Maria do Carmo Esteves, que foram casados entre si e residentes na dita freguesia de Pereiros, Codeçais, já falecidos, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e oitenta, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não ficou a dispor de título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial a aquisição da propriedade do identificado prédio, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

10.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 106.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 12/02/2016, lavrada a partir de cento e oito do respectivo livro de notas número oitenta e dois C,

Adelino dos Santos Sousa, NIF 189 516 305, solteiro, maior, natural da freguesia de Beira Grande, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente na Rua do Rossio, Beira Grande, freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é legítimo possuidor de um prédio urbano composto de uma casa de rés-do-chão, com a superfície coberta de trinta metros quadrados e a área descoberta de doze metros quadrados, sito na Rua de Santo António, Beira Grande, freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar a norte com rua, a poente com Jacinto Santos, a sul com João Carvalho e a nascente com Manuel Sousa, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 708 (anteriormente inscrito sob o artigo 352 urbano da extinta freguesia de Beira Grande), com o valor patrimonial de € 1 320,00, igual ao que lhe atribui.

Que, entrou na posse do indicado prédio no ano de mil novecentos e sessenta e sete, em dia e mês que não consegue precisar, e que foi doado verbalmente por seus pais António

Gabriel de Sousa e Maria do Carmo, que foram casados entre si e residentes na dita Beira Grande, já falecidos. Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de habitação própria permanente, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, e tratando da área descoberta, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

12.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 110.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 24/02/2016, lavrada a partir de cento e trinta e cinco do respectivo livro de notas número oitenta e dois C,

Mário Cabral Martins, NIF 232 512 469, casado com Júlia Helena Morais Mesquita Martins, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente em 5 Allée du Priure, Soignolles-En-Brie 77111, França, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de um prédio rústico composto de propriedade murada composta de casa, eira, terra de semeadura, batata, trigo, centeio, vinha, lameiro, touça, pinhal, árvores de fruto, oliveiras, amendoeiras, macieiras, cerejeira, pereira, amoreiras, pés de castanho bravo, com a área de noventa e quatro mil duzentos e oitenta metros quadrados, sito na Souzinhã, freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte, sul e poente com caminho e a nascente com ribeiro, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 3700 (anteriormente inscrito sob o artigo 915 da extinta freguesia de Selores), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 20 877,73, igual ao que lhe atribui.

Que, adquiriu o referido prédio, ainda no estado de solteiro, em dia e mês que não sabe precisar no ano de mil

novecentos e noventa e quatro, por doação meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública feita por seus pais Aníbal Flaviano Martins e mulher Maria de Lurdes Cabral, residentes na dita Selores.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

24.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 141.

Workshop de Sabonetes Naturais

No último dia do mês de janeiro decorreu no Museu da Memória Rural, em Vilarinho da Castanheira, o Workshop “Sabonetes Naturais de Azeite”.

O evento contou com cerca de 50 participantes e o espaço tornou-se diminuto para todos aqueles que quiseram aprender a produzir os referidos sabonetes.

A abertura da atividade teve como protagonista a Dra. Isabel Lopes (Arqueóloga) que deu as boas-vindas aos presentes e explicou sucintamente todos os passos que iriam ser tomados no decorrer da ação.

Ao passo que ia sendo efetuada a confeção dos sabonetes, a técnica Cláudia Pereira, aproveitou para demonstrar todos os materiais necessários para o fabrico dos cosméticos naturais e ao mesmo tempo, reportou e adotou todas as medidas de segurança que devem ser tomadas no processo.

Para a produção dos sabonetes foram utilizados produtos naturais como o azeite e o mel, potencializando os usos destas matérias-primas que a natureza tão gentilmente nos proporciona.

Este workshop teve uma forte componente prática e no final todos os presentes tiveram a oportunidade de levarem um sabonete para suas casas.

Como pode ainda ler-se no site do Município de Carrazeda de Ansiães (<http://www.cm-carrazedadeansiaes.pt>) “Esta iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, teve como principal objetivo a animação e a divulgação desta estrutura museológica, aliando-a a um evento que promove a utilização do azeite no fabrico de produtos cosméticos naturais”.

Uma tarde diferente que terá parceira já no dia 28 de fevereiro com o Workshop “Aprenda a fazer meias com cinco agulhas” também no Museu da Memória Rural.

Patricia Pinto



Zulmira Pereira Teixeira

Nasceu a 29/09/1937

Faleceu a 13/02/2016

Faleceu

A Sra. Zulmira Pereira Teixeira, sócia n.º 877, de 78 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que a acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

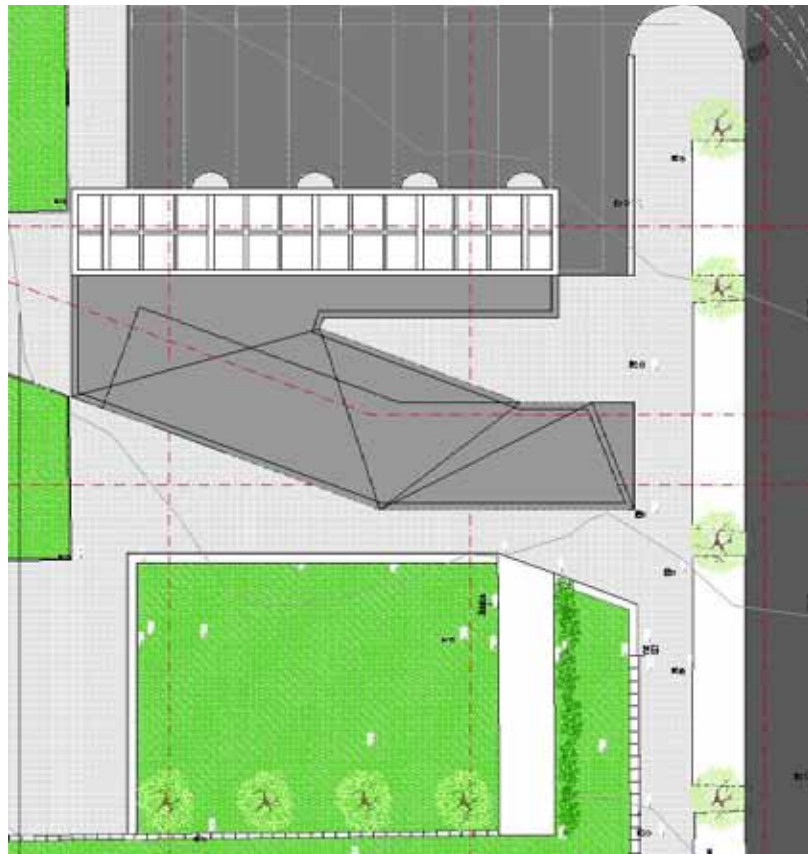
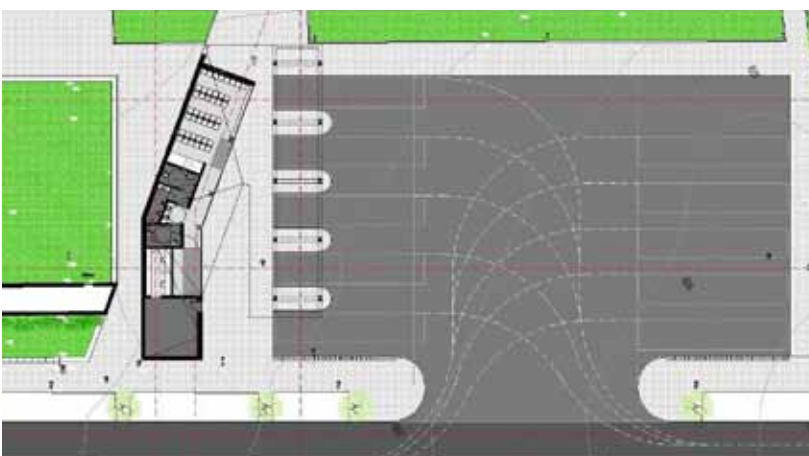
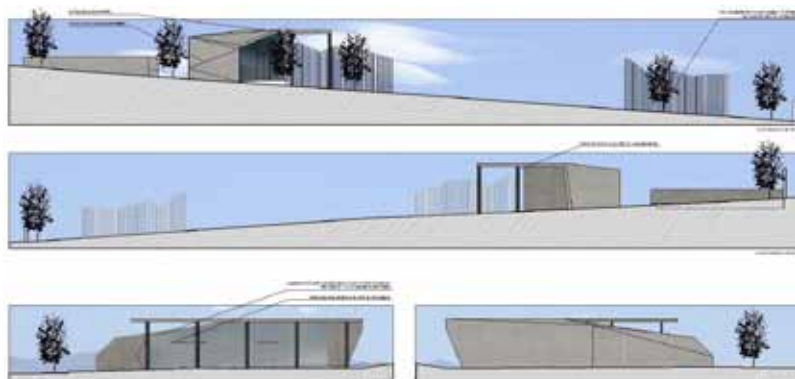
A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.



Carrazeda de Ansiões

Estação de mobilidade

Fernanda Natália



Encontra-se em fase de concurso a “Estação da Mobilidade de Carrazeda de Ansiões” que, de acordo com documentos gentilmente cedidos pelo Município, prevê a construção de um edifício destinado à instalação de um cais de embarque de passageiros, não apenas para autocarros mas abrangendo outros meios de transporte, nomeadamente, táxis e bicicletas.

Este projeto é considerado como fundamental na dinâmica que se pretende dar ao desenvolvimento do concelho e, ainda, insere-se no conceito de mobilidade sustentável e localizar-se-á numa área entre o Agrupamento de Escolas e o Centro de Saúde.

Estão previstas diversas intervenções que irão permitir: a qualificação do espaço urbano;

criar um espaço amplo para circulação de veículos e peões; aumentar os lugares de estacionamento; colocar sinalização adequada e proceder à colocação de iluminação e de outras infraestruturas.

Importa realçar o facto de que este projeto inclui todo o tipo de intervenções necessárias para a circulação e acesso de pessoas com mobilidade reduzida.

Por outro lado, tendo em conta que o edifício se vai localizar em frente a uma área onde se encontra um dos núcleos que compõem o Museu Internacional de Esculturas ao Ar Livre, foi propositadamente adotado o vidro para as suas fachadas para que as referidas esculturas possam continuar ao alcance da vista de quem passa por aquela avenida.



Notícias da Capital

Um mês em cartaz

Susana Bento



Olá Pombal!

No artigo anterior falei-vos do dia em que se comemora São Vicente e da sua importância para Lisboa, por ele apadrinhada. É o dia 22 de Janeiro. Mas na sexta-feira 22.1 deste ano 2016 devo dizer que também se comemorou em Lisboa um outro acontecimento: a estreia da ópera “As Bodas de Figaro” de Wolfgang Amadeus Mozart pelo jovem elenco do atelier de ópera da Orquestra Metropolitana de Lisboa, no CCB. Também fiz parte desse elenco como Marcellina, uma personagem que se vai revelando ao público à medida que a ópera avança: a mulher mais velha, antiga criada do doutor sevilhano, que quer a todo o custo desposar um amante, quanto mais jovem e fresco melhor: nada mais nada menos, que Figaro. É portanto rival da Susanna com quem este namora, a aia da Condessa de Almaviva. Só que a meio, conta a história não só ao público, como às próprias personagens, que Figaro não é quem se pensa: um jovem abandonado ou perdido, sem pais e sem nome. Foi, isso sim, raptado do seu ilustre berço à nascença e levou o testemunho de um hieroglífico no braço di-

reito, marca que não deixa dúvidas: ele é o menino de Marcellina e Bartolo, o doutor com quem tinha estado num período remoto! Marcellina casa sim senhor, mas com o pai do jovem Figaro. São, pois, bodas a dobrar. E ficam todos felizes, com o amor a terminar em bem (*Questo giorno di tormenti, di capricci e di follia: in contente e in allegria solo amor può terminar!* Trad.: neste dia de tormentos, de caprichos e de loucura: em contentamento e alegria só, o amor pode terminar!). E ficam no ar ainda umas terceiras bodas, as do Cherubino, página do conde, com a Barbarina, filha do jardineiro. Mas será que se vão chegar a casar um dia? Melhor será ler o resto da trilogia teatral de Beaumarchais, que é escrita em torno de Figaro.

O projecto de apresentação d’As Bodas de Figaro ao público, depois de cuidada montagem e trabalho musical/vocal entre Novembro’15 e Janeiro’16, durou um mês com espectáculos em dois teatros de Lisboa e ainda, Almada, Setúbal e Sesimbra.

No terceiro acto há um pequeno momento de baile depois de casados os quatro noivos desta ópera e dança-se o fandango em Sevilha (é nos arredores de

Sevilha que fica o palácio dos Condes de Almaviva, onde se passa tudo). Este pequeno momento coreográfico foi pensado e elaborado por mim, que o dançava também como Marcellina. Os colegas à partida não estavam muito virados para o fan-

dango, mas no final revelaram-se bons bailarinos. O Figaro até cantava enquanto dançávamos, tal como a obra manda, não se atrapalhando em nada por isso. Quatro noivos, dois pares, dois bouquets de flores e um fandango. Uma orquestra dirigida por Pedro Amaral e um coro de camponeses. Um elenco de cantores dirigido por Jorge Vaz de Carvalho, com solistas vindos de Lisboa, de Coimbra, do Fundão, do Porto, de Braga, dezassete ao todo, distribuídos por dois elencos “e meio”. A diversidade de teatros constituiu um desafio ao trabalho cénico e permitiu levar este projecto para além da capital, embora com pena de muitos não para além do Tejo e até ao norte ou centro. A nível acústico, o teatro que mais apreciei para o canto foi o de Almada, arquitetado a dedo para teatro e para a projecção excepcional da voz. A nível do espectáculo, o que veio por fim rematou melhor. O que é natural: depois de uma certa repetição de espectáculos mais crescidos ficam os personagens e maior é o à vontade na música.

Foram convidados especiais nas sessões que cantei os seguin-

tes membros do público: CCB – Sílvia Bento, António Santos, Rosário Castelo Lopes, Oriana Rainho, Dafne e Zé, entre outros; Thalia – Rui Carvalho e Susana Moreira; Almada – Amélia Celorico, Henrique Mateus, Zé Sá, entre outros; Sesimbra – Sara Bento, Carlos Alberto Bento, Maria Margarida Carvalho, António Santos, Ana Mónica, Luís Lopes e São, Ana Rovisco, entre outros. Obrigada a todos os familiares que me apoiaram, a todos os amigos e àqueles que me acompanharam à distância com um voto de sucesso também. Espero que vos tenha divertido e que haja mais oportunidades para mais aventuras mozartianas! Ou de outros compositores, mas realmente a ópera bufa de Mozart é um excelente mote para a estreia como solista na ópera. Esta foi uma experiência que ficou em falta na Áustria, durante o meu curso, embora me tenha estreado por lá como solista, mas em Missas (Bruckner e Mozart) e com uma peça contemporânea.

Dois comentários finais me restam: a Marcellina destas Bodas teve a sorte de ser bem vestida, por António José Tenente, mas foi mesmo uma questão de sorte. É que não tenho dúvidas de que era o figurino mais divertido do elenco, desde os óculos brancos ao chapelinho com tul na cabeça e leque sempre em punho. E parecia feito para mim... Já as Condessas não tiveram a mesma sorte. Abençoada Benta eu, que me saí de boa! Fica uma foto conjunta do elenco de estreia, em bastidores, para que vejam por vós. E, por fim, um bem-haja ao André Henriques, que fez um excelente trabalho em sete récitas consecutivas no papel de Figaro, com um aguçado jeito para o teatro e uma bela voz de barítono. Com os seus breves 22 anos e já incorporando tal personagem! Ah, *figlio amato!*

Dia da Mulher

13 de março de 2016 *na* ARCPA

Programa

9:30

Partida do Pombal

Percurso

- > Pombal
- > Castelo de Ansiães
- > Igreja de S. Eufémia
- > Museu do Azeite (**Lavandeira**)
- > Sr^a da Ribeira (**Almoço**)
- > Museu da Memória Rural (**Vilarinho da Castanheira**)
- > Convívio no Moinho do Vento (**C^a Ansiães**)

10 Margaridas

Inscrições até dia 9 de março (Limitado a 50 pessoas)

Contactos: geral.arcpa@gmail.com | 964 552 379 | 914 490 101



Balcão Único facilita reconstrução de muros de xisto na Região Demarcada do Douro

Os processos de beneficiação e reconstrução de muros em xisto e socos, e a plantação e reconversão de vinhas no Douro, vão ser encaminhados através do Balcão Único da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte.

A medida foi anunciada no dia do 14º aniversário do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial, numa cerimónia realizada em São Martinho de Anta, Sabrosa. Representa “a simplificação nos processos destinados à preservação da paisagem protegida”, já que “acelera a resposta dos serviços”. Permite também “uma economia de meios e recursos para os utilizadores”, podendo acompanhar o processo em tempo real.

A Missão do Douro terminou, entretanto, a georreferenciação de todas as intervenções efetuadas na região do Douro (250 mil hectares de área), com destaque para 2046 hectares de vinha e quase 87 quilómetros de muros de xisto, bem como 111 intervenções em edifícios.

Foi ainda inaugurado às portas da terra de Miguel Torga, pela Liga dos Amigos do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial, mais um marco do projeto “Feitoria de Alma” de Gracinda Marques.



Especialidades da Casa:

Carnes:

Uzede, Javalí, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante
CALÇA CURTA

Teléf. 278 685 255

5145-133 TUA

Peça: CIR (Ansiães)

Foto: Eduardo Pinto



“Morreu o tio Casimiro !”

Matilde Teixeira

Notícia inesperada que nos apanha desprevenidos neste dia frio e tempestuoso de fevereiro. Partiu no dia dos Namorados, ele, homem bom e afectuoso, que espalhava amor à sua volta.

Partiu o melhor dos tios, o mais amigo, o mais divertido e a quem queríamos tanto. Estamos de luto, estamos tristes, apesar da pequena, ínfima consolação que é sabermos que não sofreu, que o enfarte se deve ter feito anunciar mas o levou rapidamente...

Casimiro Miguel de Carvalho Teixeira nasceu no Pombal em 16 de Julho de 1932. Era o terceiro filho, o irmão do meio dos cinco irmãos : João, Flora, Casimiro, Maria Florinda e Luís Miguel.

Viveu a juventude no Pombal, ajudou a mãe, viúva, a tratar dos prédios, aprendeu de tudo, inteligente e habilidoso como ninguém, capaz de resolver todos os problemas do quintal e da casa. Sempre bem disposto, uma chalaça no ponta da língua, sempre pronto a ajudar, a explicar com calma e benevolência.

Como muitos jovens da sua geração, depois da tropa, arranjou emprego e instalou-se em Moçambique. Voltou para Portugal como muitos outros pelas razões conhecidas e continuou a trabalhar na área do petróleo na refinaria de Sines, vivendo ao lado, em Santo André. Era um funcionário muito apreciado pelas suas qualidades humanas

e pelo seu profissionalismo de homem que se fez a si próprio e conhecia o valor do esforço e do empenho, só se satisfazendo com o trabalho bem feito.

Não esquecia a família, a quem era muito dedicado, nem o Pombal e, sempre que podia, vinha passar uns dias na sua terra. Sobreretudo no verão, para assistir ao FARPA e à Festa, ou na altura das vindimas.

Querido tio, estamos inconsoláveis mas queria prestar-te esta pequena homenagem, falar de ti que eras tão novo quando eu nasci e tanto brincaste connosco, comigo e com a mana. E com todas as crianças com quem sabias lidar e que por isso te queriam muito.

Querido tio Casimiro

Partilhamos esta dor com os teus filhos, a Luísa e o Francisco e os teus netos, a Ana, o Rafael e o João, que tanto vão sentir a tua ausência. E também com as tias, Flora e Maria Florinda, neste momento, tão longe.

Não te vamos esquecer, vamos ter muitas saudades, vamos falar muitas vezes de ti que acompanhaste as nossas vidas e fazias parte do círculo familiar chegando que se reunia em Coimbra ou no Pombal.

Para todos nós, vais continuar vivo pois só se morre de vez quando já ninguém nos recordar.

Até sempre.



Casimiro Teixeira

Nasceu a 16/07/1932

Faleceu a 14/02/2016

Faleceu

O Sr. Casimiro Miguel Carvalho Teixeira, sócio n.º 418, de 83 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.



Designação do vinho do Douro

José Mesquita



Portugal é um dos maiores produtores mundiais de vinho, e o do Porto, assim conhecido mundialmente, nós por cá, preferimos chamar “vinho fino” ou “vinho tratado”, tem sido durante mais de três séculos o seu maior embaixador. Sobre esta designação construiu-se a fama de um país vinhateiro e também o proveito da produção de excelentes “pingas”, dando razão ao provérbio, “o bom vinho traz a venda consigo”.

O vinho, com exceção da água e talvez da cerveja, será a bebida mais antiga que existe, pensa-se desde a Idade do Bronze, mas será o império romano o grande difusor da plantação da vinha. Sendo uma bebida ligada aos prazeres da vida, e assim associada ao culto de Baco, foi igualmente muito utilizada para cuidados de saúde, numa altura sem analgésicos ou antissépticos, e está presente, há milénios, no dia a dia da civilização humana.

Desde tempos imemoriais, o vinho é considerado como coisa digna de veneração e são-lhe também atribuídos poderes mágicos - o derrame de vinho é considerado sinal de alegria e de sorte e ao mosto são imputadas curas de raquitismo, ainda se crê que a imersão das pernas nele melhora o reumatismo. Diver-

sos estudos parecem demonstrar que pode ter efeitos benéficos na prevenção de doenças cardiovasculares e do cancro, por causa da presença de antioxidantes; o consumo moderado poderá ainda fornecer vitamina B12 e ácido fólico, estimulará a secreção gástrica e o apetite e facilitará a digestão.

Na literatura, tornou-se fonte de lendas e inspiração de mitos. As expressões “dádiva de deuses”, “Sangue de Cristo”, e “essência da própria vida” atribuídas a este produto atestam bem o papel do vinho na vertente cultural bem como a sua importância na nossa civilização, a que chamamos “ocidental”. Vinho e poesia estão muito ligados em Portugal, o exemplo maior é, sem dúvida alguma, Fernando Pessoa que num poema de 1935, diz: “Dá-me vinho, porque a vida é nada”. E noutra altura: “Boa é a vida, mas o vinho é melhor”. “Fruto da videira e do trabalho do Homem”, impregnado de religiosidade e de misticismo, o vinho surge desde muito cedo associado á nossa cultura e é um produto essencial da nossa identidade.

Voltamos ao vinho do Porto. Será o Tratado de Methuen (1703) assinado entre Portugal e a Grã-Bretanha, que contribuiu para a popularidade deste vinho

beneficiando de taxas aduaneiras preferenciais. Durante o século XVIII, para os ingleses, vinho era praticamente sinónimo de vinho do Porto. Mais tarde a ação do Marquês de Pombal foi crucial para a sua credibilização.

Há vários tipos de vinho do Porto: uns envelhecem em vasilhas de madeira, outros na garrafa. Segundo indicação do Instituto do Vinho do Porto há várias categorias. As designações em inglês prendem-se com a ligação que este negócio sempre teve com a Inglaterra, bem como, a necessidade do marketing internacional.

O Branco (White) é produzido a partir de uvas brancas, envelhecido em casco e produto de lotações várias, poderá ser doce ou seco. Serve essencialmente como aperitivo. O Tinto (Red) e Tinto Aloirado (Ruby) é envelhecido em casco, são generosos, geralmente novos e doces, com algum corpo e fruta. São usados em sobremesa e também muito em misturas com outros mais velhos. O Aloirado (Tawny) é também envelhecido em cascos e quase sempre mais velho mais aberto e elegante. É um grande vinho de sobremesa e de outras ocasiões, ideal para acompanhamento de certo tipo de queijos e outras entradas ou finais de refeição.

Há ainda as variedades dos chamados casos especiais. O vinho do Porto “Vintage” é o “de uma só colheita, produzido em ano de reconhecida qualidade, com características organoléticas excecionais”. O “Late Bottled Vintage ou L.B.V. de uma só colheita, produzido em ano de boa qualidade, com boas características organoléticas, tinto e encorpado de aroma e paladar finos e que seja reconhecido pelo Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto (IVDP), com direito ao uso de L.B.V. nos termos da respetiva regulamentação”. “Vinho do Porto com indicação da idade” é o “de muito boa qualidade que seja reconhecido pelo IVDP com direito ao uso de designação de idade, nos termos da respetiva regulamentação”. O “Vinho do Porto com data de colheita” é um vinho de uma só colheita de boa qualidade, envelhecido em casco, nunca menos de sete anos, a quem o IVDP reconhece o direito de uso da data correspondente.

O chamado “vinho de consumo” com a denominação “Douro” tem emergido da obscuridade, aparecendo novos produtores e novas marcas e suscitando o interesse crescente do consumidor.



Mulheres pintoras, filhas de pintores.

Matilde Teixeira



No ano passado, duas grandes pintoras estiveram em destaque no mundo das Artes.

Em Lisboa, o Museu Nacional de Arte Antiga consagrou, no verão, uma excelente exposição a Josefa de Ayala e Cabrera, mais conhecida por Josefa de Óbidos, do nome da terra de seu pai onde se estabeleceu e trabalhou.

Em Paris, a mais prestigiosa instituição de exposições temporárias, a “Réunion des Musées Nationaux, Grand Palais”, dedicou a sua exposição do outono a Elisabeth Vigée le Brun, consagrada retratista dos tempos conturbados da Revolução Francesa e que, por isso mesmo, se viu forçada ao exílio e a percorrer a Europa à procura de um lugar seguro onde viver e trabalhar. Acolhida em várias cortes europeias, durante a década posterior ao fim do antigo regime monárquico, aplaudida e adulada, pôde mesmo fazer fortuna.

O sucesso destas duas figuras, raras mulheres que pelo seu inegável talento saíram do anonimato, leva a interrogar-nos sobre o facto de serem tão poucas as mulheres reconhecidas na arte da pintura.

As duas pintoras citadas têm algo em comum que partilham com a grande maioria das ou-

tras mulheres que se destacaram nessa atividade: é que ambas são filhas de pintores.

Se a aprendizagem estava vedada às mulheres, se não podiam frequentar as oficinas como aprendizas, e inscrever-se nas academias de pintura como profissionais, só os casos raros, as que puderam beneficiar de um ensino e de uma prática no seio da oficina familiar, é que tiveram acesso à necessária aprendizagem, indispensável para o domínio das técnicas de desenho, de pintura e gravura, e ao demorado acompanhamento de um mestre, até poderem ganhar a necessária autonomia artística para se consagrarem à arte e passarem a poder viver do pincel.

E isto por toda a Europa, desde a Itália, pátria das artes, até à nossa recuada Península.

Mas quem foram estas duas artistas famosas no seu tempo, e cuja obra continua a ser admirada nos nossos dias, bem mais famosas até do que os respetivos pais que lhes ensinaram os rudimentos da arte, mulheres independentes financeiramente e que viveram, e bem, da sua arte?

Que mais têm em comum para além dos acasos de calendários institucionais que em 2015 as destacaram? O que as distingue



completamente para além de terem vivido em países e épocas diferentes?

Vamos ver cada uma delas. Começemos hoje pela mais antiga, figura cimeira do nosso século XVII.

JOSEFA DE ÓBIDOS

Josefa de Ayala e Cabrera nasceu em Sevilha em 1630, cidade onde vivia seu pai, Baltazar Gomes Figueira (1604-1674) pintor de renome, que aí tinha casado com uma senhora da nobreza andaluza, e faleceu em Óbidos em 1684.

Ainda de tenra idade, Josefa vem viver com os pais para Portugal. Muito jovem revela grande aptidão e interesse pelo desenho e pela pintura de miniaturas, arte que vai aperfeiçoando na oficina de seu pai, autor de retábulos para igrejas e de famosíssimas naturezas-mortas, género muito apreciado na época e do qual foi o introdutor em Portugal, e que, apesar de representar apenas objetos inanimados, frutos e flores, se reveste de uma dimensão simbólica e espiritual. Contemplar a representação pictórica de objetos simples do quotidiano constituía um convite à meditação sobre a criação divina e a efemeridade dos bens terrestres

que devia elevar o espírito para os verdadeiros valores morais. As famílias mais abastadas gostavam de decorar os seus interiores com naturezas-mortas, paisagens ou retratos de família. E, nos espaços mais recolhidos, quadros religiosos para suporte de devoção familiar.

A técnica de pintura de Baltasar Figueira, artista confirmado, mas que a posteridade, sobretudo em Portugal, esqueceu, é sólida, refinada e a composição das suas célebres naturezas-mortas sabiamente orquestrada, denotando a influência da famosa escola sevilhana, em particular Zurbaran e Herrera, do século de ouro espanhol. O seu pincel, hábil e seguro, é capaz de traduzir com grande rigor e realismo a textura brilhante e húmida das escamas de uma truta em contraste com a pele rugosa das laranjas e a transparência das cascas de uma molho de cebolas. Estou a pensar numa das suas naturezas-mortas que descobri no Louvre e que, durante muito tempo julguei ser a única obra de um pintor português exposta numa pequena sala desse incontornável museu. (Mais tarde descobri que havia outra, de Domingos Sequeira, na sala ao lado. Mas não descobri mais.



São, de facto, apenas dois artistas os representantes da pintura portuguesa, em breve três, mas lá chegaremos!)

O trabalho de Josefa, na miniatura, na gravura e sobre metal, rapidamente se destaca e, no Convento de Sant'Ana em Coimbra e depois em Semide, aonde jovem vive recolhida e perfaz a sua educação, como “donzela emancipada de seus pais” começa a receber encomendas.

Colabora com o pai e a atribuição de algumas obras tem sido discutida e dado origem a controvérsias. É nítida a sua influência, sobretudo nas naturezas-mortas, muito próximas, pois, frequentemente, usavam os mesmos modelos em composições idênticas. Na época, vários artistas podiam pintar no mesmo quadro que saía da oficina com a assinatura do mestre.

Mais tarde, após a morte do pai vai ser Josefa o sustentáculo da família numerosa e vêmo-la a dirigir uma oficina próspera que recebe inúmeras encomendas de conventos e igrejas e também de particulares. Josefa move-se em Óbidos e na região, viajando pouco, mas reconhecida e valorizada nessa “corte de aldeia” por uma clientela fiel que aprecia a sua afabilidade e a “doçura” da sua pintura.

Também se revela como retratista executando mesmo o retrato da rainha Maria Francisca de Sabóia, mulher de D. Pedro II.

Se na sua obra é reconhecível a influência do pai, nos modelos que retoma, nos coloridos, no naturalismo e no tenebrismo* que herdou indiretamente da escola sevilhana, Josefa revela uma sensibilidade própria e a sua pintura adquire um encanto simples e quase ingénuo na descrição minuciosa e atenta dos objetos humildes ou sofisticados: bilhas de barro, taças de porcelana chinesa, pratos lavradas, caixas de madeira de doces conventuais, decoradas com recortes de papel de seda, toda a variedade de flores do campo e dos jardins, com uma predileção especial pelos ricos tecidos, pelos adornos numa profusão de laços de seda, de rendas, de veludos, para além dos frutos - melancia branca, melão, cachos de uva - e dos legumes da época. Josefa é única, a sua pintura é inconfundível e possui uma força de atração, um encanto muito particular que a tornou famosa e muito apreciada até aos nossos dias.

Josefa de Óbidos é considerada o expoente máximo do barroco português pelo gosto das composições requintadas, pela riqueza decorativa, pelo uso de

acentuados contrastes de luz, pelo sentimento de ternura e transcendência que habita as coisas simples que pinta e que é também uma constante das suas composições religiosas.

As suas obras podem ver-se “in situ”, isto é nos altares das igrejas para que foram concebidas e em museus, em Óbidos, evidentemente, mas sobretudo em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga que possui a maior coleção, em Cascais, Coimbra, Évora, Santarém, e até numa igreja mais perto de nós na freguesia de Quintela, concelho de Sernancelhe. E em muitas coleções privadas.

Recentemente, um pequeno quadro pintado sobre cobre, “Maria Madalena confortada pelos anjos” foi arrematado num leilão da prestigiada Sotheby's, em Nova Iorque, por 269 mil dólares. Foi Philippe Mendes, que possui em Paris uma galeria de arte especializada em pintura antiga, quem arrematou a obra da nossa pintora para, a seguir, a doar ao Louvre. O pequeno quadro esteve exposto em Lisboa, no verão e, em dezembro/janeiro, pôde ser visto no Porto, numa exposição do Museu da Misericórdia**. Em breve irá para junto da célebre “Natureza morta com laranjas, truta e

caranguejo”, a que me referi de seu pai Baltazar Gomes Figueira, numa parede do departamento de pintura espanhola e portuguesa.

Pai e filha, Baltazar, o grande mestre das naturezas mortas e Josefa, a quem transmitiu a sua arte, reunidos, alguns séculos depois, no maior e mais célebre museu do mundo.

Sobre Elisabeth Vigée le Brun, cuja majestosa retrospectiva que tanto sucesso obteve, acabou a 11 de janeiro deste ano, falaremos proximamente.

* tenebrismo ou claro-escuro

Tendência pictórica que veio de Itália, cultivada por Caravaggio, e se espalhou no século XVII por toda a Europa, e que consiste em acentuados contrastes de luz e sombra que dão grande relevo às personagens e forte dramatismo à composição

** Neste mês de fevereiro, novamente em Nova Iorque na Sotheby's, Philippe Mendes arrematou novo quadro em leilão “A Sagrada Família com São João Baptista, Santa Isabel e Anjos” que, felizmente, vai ficar em Portugal e integrar o espólio do recente Museu da Misericórdia do Porto. De iguais dimensões e também sobre cobre esta obra é o par de “Maria Madalena confortada pelos Anjos” que entrará no Louvre em março.



Património e Cidadania

Em Roma, sê Romano!

Fernando Figueiredo



O significado que esta expressão tem é conhecido, sendo por isso aplicada em múltiplas situações, já que em si mesma sintetiza algo de essencial.

Assim, na terra onde estamos ou que visitamos, nos locais onde vamos e nas circunstâncias em que venhamos a encontrar-nos, deveremos comportar-nos de acordo com as regras e as normas que lá vigorarem e não chocarmos e muito menos vilipendirmos os costumes dos outros e o seu modo de estar. Ou seja: Tanto quanto isso não fira o que é para nós essencial, devemos tornar-nos um de entre todos e não um diferente de todos os mais.

Há também um ditado antigo que diz: “Em casa onde viveres, faz como vires”. O sentido é semelhante e o propósito é idêntico.

Caso contrário, manda o bom senso que não vamos ou que não

fiqamos, explicando o nosso afastamento, se for caso disso, para não nos sentirmos coagidos a executar o que a nossa consciência nos impede.

Vem isto a propósito da recente viagem à Europa de Hassan Rohani, também transliterado como Hassan Ruhani, Hassan Rowhani ou Hassan Rouhani, um clérigo, político, diplomata e académico, presidente do Irão desde 3 de agosto de 2013.

Hassan Rohani é considerado um moderado (!) entre os clérigos xiitas que servem o líder supremo daquele país: Ali Khamenei.

Com efeito, o mundo pôde espantar-se quando este presidente começou a sua visita, precisamente pela capital italiana: Roma. Aqui ele fez questão de ser tudo menos romano. Para tanto, o seu recatado sentido religioso (ou apenas clerical) levou a que

Governo italiano mandasse tapar as estátuas do Museu Capitolino no espaço por onde ele e sua comitiva iam passar. Assim, pudemos ver na televisão as estruturas de madeira que foram construídas para o efeito, de modo a que não houvesse qualquer hipótese de púdicos olhos humanos, mesmo alguns espreitando apenas por uma nesga de vasto pano, cobrindo todo o corpo e suas imediações, pudessem deparar com estátuas de figuras mitológicas, representadas nuas segundo os cânones da arte greco-romana, mas executadas por grandes mestres do Renascimento, também eles religiosos e devotos, ao serviço dos papas e outros mecenas da arte.

Ao que chega o fanatismo e a hipocrisia! Que recuo civilizacional!

Quem é que estes governantes religiosos querem enganar? Se

de facto valorizassem o essencial em vez de se tornarem ridículos a este ponto, encontrariam razões para implementar outros preceitos do Corão, bem mais úteis e instrutivos para os povos que o professam e que nos devem merecer todo o respeito.

Da leitura que fiz do seu livro sagrado, ser crente é o que mais aparece nele valorizado, o que não comporta necessariamente dar tanta importância ao acessório que, em concepções ultra, podem levar até tão longe a exigência no que aos costumes respeita.

Por outro lado, lamento também as cedências que os governantes ocidentais têm feito relativamente a este e a outros casos idênticos. Parece que quando os interesses são muitos, tudo é permitido (mesmo o ridículo!) a quem os proporciona.

Efectivamente, quando alguém quer visitar uma praia de nudis-



mo (naturismo) deve também despir-se, pois ninguém o chamou lá e não parece correcto que continue vestido a observar os que não estão, ficando talvez mais confortável, mas não sendo portanto romano em Roma. No caso e ao contrário, o presidente do Irão mandou tapar simples estátuas (e não seres vivos) para ele e a comitiva passarem (bem=muito) vestidos. Ou seja: fez questão de ser iraniano em Roma. Este homem culto, poliglota e com formação no Ocidente, tido como um moderado na revolução iraniana, é também ele vítima de uma interpretação radical de alguns aspectos não doutrinários do Islão, quando seria espectável que fossem pessoas como ele a conseguir adaptações e pragmatismo nos costumes, sem colocar em causa o essencial, a doutrina.

É nesta linha de intolerância que devemos ver a destruição de obras de arte, que tem sido uma constante no Afeganistão, nos territórios ocupados pelo designado “estado islâmico” e noutros locais, eliminando espólio e símbolos de outras brilhantes civilizações que ali os antecederam e que constituíam um rico e insubstituível património da Humanidade. O fanatismo também tem limites e essa não lhes perdoo. Corta a alma de qualquer cidadão ver destruir tanto estátuas de Buda como de animais simbólicos da civilização assíria, ou templos e arcos em Palmira...

É verdade que os cristãos, no passado, adoptaram atitudes semelhantes perante outras civilizações, destruindo ou mutilando irremediavelmente algumas das suas manifestações artísticas e símbolos, como se pode ver, por



exemplo, em alguns templos do Antigo Egipto. Foram atitudes igualmente reprováveis e que nos devem envergonhar. De qualquer modo, tal não justifica nem autoriza nunca que em nome de outros credos se faça o mesmo, muito menos, no século XXI! Aliás, não é essa a herança tradicional do Islão, quase sempre de tolerância e de convivência com crentes de outras religiões.

Voltando à questão inicial, para mim, o que faz sentido é que, nas terras dos outros, tenhamos nós que cumprir e respeitar as suas normas e costumes, mesmo que as consideremos desajustadas, incoerentes ou pouco civilizadas.

Logicamente, entendo que, do mesmo modo devem proceder os que nos visitam. E não tem sido isso que a própria diplomacia europeia tem feito, o que se tem notado mesmo em pequenos gestos,

que se revestem, por vezes, de grande significado. Isto para não falar em questões menores, mas polémicas, como o uso do véu integral e outros costumes trazidos para a Europa, que em parte já os havia visto desaparecer, gradualmente, ao longo de décadas.

Penso que os outros povos nos respeitarão mais quando virem que defendemos o nosso modelo de civilização, não abdicando dele por interesses. Afinal, grande parte do mundo já o adoptou e faz por defendê-lo. Não são alguns recuos e distorções que o virão alterar profundamente, se ele continuar a ser defendido. Não é, com certeza, fazendo cedências descabidas, que tal pode acontecer.

Quanto aos costumes e só nisso, em Roma, sê romano!



Uma história verdadeira de garra

...do Orgulho, do Sentir do Povo do meu Concelho

Manuel Barreiras Pinto



O concelho de Vila Flor, criou uma Adega Cooperativa. O concelho de Alijó, tem em muitas das suas aldeias Adegas Cooperativas e incluindo a vila de Alijó. O papel das Adegas Cooperativas é, transformarem as uvas dos sócios em vinho, para depois o vender no mercado.

Em Carrazeda de Ansiães, não havia uma Adega Cooperativa e este problema, estava relacionado com a sua localização. Os lavradores da freguesia de Pombal, de Ribalonga, de Linhares, do Seixo de Ansiães, de Parambos, etc. cada qual gostaria que ficasse situada na sua terra. O amigo do concelho, Engenheiro Camilo de Mendonça, ficou chocado com tanta teimosia e indecisão, pois ele, tinha influência a nível do Governo, para ajudar na concretização do projeto, a ideia não vingou. Finalmente foi escolhida a sede da Adega que ficaria em Carrazeda de Ansiães.

No dia 8 de Julho de 1978 no Cartório Notarial de Carrazeda

de Ansiães, compareceram os outorgantes: - Dr. Fernando de Castro Martins, Altino Magalhães dos Santos Pinto; João Herculano Sampaio; Abel Augusto dos Santos; Luís Alberto Cardoso; António Alberto Gomes; Armando dos Santos Moreira; Virgílio Barbosa Cordeiro; Horácio de Seixas Dias, Dr. Simão Carlos Saraiva; Mário de Jesus Almeida; e Orlando Frias Tavares. Entre todos foi dito que querem constituir uma Cooperativa Agrícola que se denominará “ADEGA COOPERATIVA DE CARRAZEDA DE ANSIÃES – SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA”. Que se regerá pelos seguintes estatutos:

Seguem-se os Estatutos e o artigo sexagésimo primeiro – diz – Para o primeiro período de gerência que termina o seu mandato em 31 de Dezembro de 1979 são nomeados para a Direção, Conselho Fiscal e e Mesa da Assembleia Geral os associados.... acima referidos. Foi feita

a inscrição na Repartição do Comércio em 11 de Janeiro de 1979; Diário da Republica III Série de 25 de Novembro de 1978 com a publicação do extracto do alvará de aprovação dos Estatutos de 14 de Novembro de 1978. Constituída a Adega Cooperativa, faltava o espaço físico, os armazéns, e o edifício das máquinas para laborar e tratar da transformação das uvas para obter o vinho.

Da atividade da Adega temos a notícia de que em 27 de Dezembro de 1978 pelas 14 horas, foi realizada uma reunião com os sócios no salão da Casa do Povo de Carrazeda de Ansiães. Desta, não há livro de atas que informe o que se passou. Porém, sabemos que há uma “relação dos Vitivinicultores da Povoação de Misquel, freguesia de Parambos que desejam associar-se na Adega Cooperativa, são no total 42 os inscritos e a quantidade provável de pipas de vinho era de 253. Igual relação existe para a freguesia de Vilariño da Castanheira, são 103 os

inscritos e mais 45 lavradores do Pinhal do Douro com a quantidade de produção provável em pipas seria de 512. Igual relação existe para a freguesia de Castanheiro, são 33 os inscritos e a quantidade de produção provável em pipas seria de 230. Idem para a freguesia de Linhares com 22 lavradores inscritos; Idem para a freguesia de Seixo de Ansiães com 108 lavradores inscritos; Idem para o lugar de Arnal com 37 lavradores inscritos e um total de 201 pipas; Idem ou seja lavradores da freguesia de Lavandeira que estão interessados na construção da Adega, são 66. Idem para o lugar de Paradela com 57 lavradores inscritos e 414 pipas. Pinhal do Norte e anexa da Brunheda com 59 inscritos e o número de pipas seria de 340; Idem para a freguesia de Carrazeda com 22 lavradores inscritos. Com a inscrição cada lavrador pagava a quantia de 500\$00 por pipa, para a futura construção do Edifício da Adega.



Em 19 de Julho de 2002, a Direção constituída pelo Engº António Manuel Santos Pinto; Luís Augusto Castro Pinto e Tito José de Almeida, fez uma convocatória para o dia 20 de Agosto de 2002 pelas 9,30h na sede da Cooperativa Agrícola de Carrazeda, sessão extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos: - Ponto 1- Situação da Adega Cooperativa de Carrazeda de Ansiães; - Ponto 2- Eleição da Comissão de Gestão e outros assuntos. Sabemos que em 31 de Março de 1988 a Adega Cooperativa era detentora de uma conta na Caixa Geral de Depósitos, com o saldo de 100.407,40 escudos. Mais sabemos que com o dinheiro que foi apurado entre os 594 lavradores inscritos, num total de aproximadamente 800 contos, foi comprado um terreno que está registado na competente Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães em nome da Adega Cooperativa de Carrazeda de Ansiães, onde consta

o lugar, a inscrição matricial e as respectivas confrontações, assim como a área. O Presidente da Câmara, sabe da existência do terreno e se, passados quase 40 anos, sabemos que a grande maioria dos lavradores já faleceu- paz às suas almas- em memória da luta, do trabalho e esforço que eles desenvolveram para criar, dar forma e vida à Adega Cooperativa de Carrazeda de Ansiães, devemos fazer alguma coisa.

Nos anos de 2013-2014, um número reduzido de pequenos lavradores, foram convidados, a associarem-se para em conjunto formarem uma espécie de Sociedade- que não era sociedade- uma espécie de Cooperativa, que não podia ser, então uma Associação anónima de responsabilidade limitada, que iria fabricar vinho dos seus associados, um vinho de qualidade superior, para levar a marca de Carrazeda ao estrangeiro, bem longe, longe... com o fim de vender bem e a bom preço. Inscrições, chegou a

haver, mas a Caixa Agrícola não registou aquele mínimo do valor necessário aos fins propostos e assim..., nem com o patrocínio de uma empresa líder nestas andanças algo foi feito em prol dos pequenos vitivinicultores.

Agora que sabemos que há um terreno que se destinava a um fim, que o teu pai, o teu tio e meus primos deram o seu contributo em dinheiro para a sua aquisição, que está legal e pertence de facto e de direito à Adega Cooperativa de Carrazeda de Ansiães, que tal reunirmo-nos e em nome dos nossos princípios eleger uma direção, aliás felizmente ainda há fundadores e diretores vivos, o Sr. Altino Magalhães dos Santos Pinto e o Engº Antómio Manuel dos Santos Pinto, residentes na freguesia de Parambos deste concelho, mas também nós interessados, vamos em conjunto numa Assembleia Geral dizer o que queremos e ressuscitar a ideia de dar vida à moribunda Adega Cooperativa, e nunca é tarde

para começar, nunca digas nunca, porque enquanto há vida, há esperança, porém sozinho é que nada se consegue.

Aqui a união é fundamental e por enquanto ninguém pede nada a ninguém, a não ser o esforço de organização da Adega e depois devagarinho a gente fala e decide outras prioridades. Uma sugestão: a Adega até pode começar por vender no mercado o vinho dos pequenos produtores do concelho, vamos começar e como está escrito: -“ Quem não tem pecados que atire a primeira pedra”.

Se, nada se fizer. Passados mais alguns anos poucos, o terreno muda de dono, e fica na memória a triste recordação do pobre que pobre, mas ainda para cúmulo da desgraça “ não bastava ser pobre como ainda foi burro”.

Amigo leitor, este Jornal do Pombal é o porta voz do descontentamento, do despertar consciências e lançar desafios.

Sorria e faça por ser feliz, até breve.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/02/2016, lavrada a partir de cento e dezasseito do respetivo livro de notas número oitenta e dois C,

Maria Alice de Sousa, NIF 128 318 600, viúva, natural da freguesia de Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente no Beco do Soalheiro, n.º 2, Castanheiro, freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora de metade indivisa de um prédio rústico sito no Cubo, freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, composto de sobral com sobrieiros e fragas, com a área de vinte e um mil metros quadrados, inscrito na

respetiva matriz sob o artigo 1737 (anteriormente inscrito sob o artigo 913 da extinta freguesia de Castanheiro), com o valor patrimonial tributário de € 83,78, descrito na competente conservatória sob o número quatrocentos da freguesia de Castanheiro, com aquisição registada a favor de Inês da Encarnação Carvalho e marido Alfredo César Pereira e de António Domingos de Sousa, metade indivisa para cada, pelas inscrições com apresentações um de vinte e um de agosto de mil novecentos e noventa e dois e quatro mil quatrocentos e noventa e um de vinte e nove de novembro de dois mil e dez.

Que, apesar do prédio indicado estar ali inscrito a favor dos referidos titulares inscritos Inês da Encarnação Carvalho e marido Alfredo César Pereira, essa fração indivisa é pertença da justificante.

Que, entrou na posse do referido prédio por doação verbal, ainda já estado de viúva, feita por Inês da Encarnação Carvalho e marido Alfredo César Pereira, que foram casados entre si no regime da comunhão geral e residentes em parte incerta do Brasil, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e setenta e três, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não ficou a dispor de título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial a aquisição da propriedade do identificado prédio, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o

prédio em causa, em composses com o comproprietário António Domingos de Sousa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, colhendo os produtos tais como lenha e cortiça, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por usucapão, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

19.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 122.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/02/2016, lavrada a partir de cento e catorze do respetivo livro de notas número oitenta e dois C,

Marcelino dos Santos Figueiredo, NIF 143 566 075, e mulher Urinda de Jesus Rodrigues, NIF 143 566 083, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem em Campelos, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos IMÓVEIS SITOS NO CONCE-LHO DE CARRAZEDA DE ANSIÃES freguesia de Linhares Verba n.º 1 Natureza: urbana Composição: casa de rés-do-chão para arrumações com um lugar de fazer vinho

Confinantes: Joaquim Seixas (Norte); titular (Sul); Alberto Madeira (Nascente); Joaquim Azevedo (Poente)

Situação: Rua da Boavista - Campelos

Artigo Matricial: 997

Área: coberta 50 metros quadrados e descoberta 150 metros quadrados

Valor Patrimonial: € 6 110,00

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 3

Quota-parte: quatro sextos indivisos

Natureza: rústica

Composição: terra de pastagem, videiras, oliveiras e árvores de fruto

Situação: Pala Branca

Artigo Matricial: 1851

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração: € 255,83

Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil setecentos e quinze, com inscrição de aquisição de uma sexta parte indivisa a favor de Orinda de Jesus Rodrigues e marido Marcelino dos Santos Figueiredo, conforme apresentação 7 de 2007/10/17, uma sexta parte indivisa a favor de Júlia Laura Rodrigues casada com Francisco Magalhães, conforme apresentação 6 de 2007/10/17, e uma sexta parte indivisa a favor de Maria dos Remédios Seixas casada com Horácio Simão Barbosa de Azevedo, conforme apresentação 1004 de 2015/07/27

Verba n.º 4

Quota-parte: metade indivisa

Natureza: rústica

Composição: terra com videiras, oliveiras e pastagem

Situação: Vale da Silveira de Cima

Artigo Matricial: 1862

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração: € 299,96

Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil setecentos e dezasseis, com inscrição de aquisição de uma quarta parte indivisa a favor de Orinda de Jesus Rodrigues e marido Marcelino dos Santos Figueiredo, conforme apresentação 7 de 2007/10/17, uma quarta parte indivisa a favor de Júlia Laura Rodrigues casada com Francisco Magalhães, conforme apresentação 6 de 2007/10/17

Verba n.º 5

Quota-parte: dois sextos indivisos

Natureza: rústica

Composição: terra de cereal, horta, videiras, árvores de fruto e pastagem

Situação: Serra

Artigo Matricial: 2853

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração: € 236,67

Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil setecentos e dezanove, com inscrição de aquisição de uma sexta parte indivisa a favor de Orinda de Jesus Rodrigues e marido Marcelino dos Santos Figueiredo, conforme apresentação 7 de 2007/10/17, uma sexta parte indivisa a favor de Júlia Laura Rodrigues casada com Francisco Magalhães, conforme apresentação 6 de 2007/10/17, e uma sexta parte indivisa a favor de Maria dos Remédios Seixas casada com Horácio Simão Barbosa de Azevedo, conforme apresentação 1004 de 2015/07/27

Verba n.º 6

Natureza: rústica

Composição: terra de cereal, horta e oliveiras

Situação: Vale do Cubo

Artigo Matricial: 979

Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 101,24

Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil setecentos e vinte e um, com inscrição de aquisição de metade indivisa a favor de Orinda de Jesus Rodrigues e marido Marcelino dos Santos Figueiredo, conforme apresentação 7 de 2007/10/17

Verba n.º 7

Quota-parte: metade indivisa

Natureza: rústica

Composição: terra de cereal, castanheiros e pastagem

Situação: Cancellinha

Artigo Matricial: 1338

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração: € 39,79

Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil setecentos e treze, com inscrição de aquisição de uma quarta parte indivisa a favor de Júlia Laura Rodrigues casada com Francisco Magalhães, conforme apresentação 6 de 2007/10/17, e uma quarta parte indivisa a favor de Guilherme de Jesus Seixas, divorciado, conforme apresentação 4252 de 2009/11/13

Que, entraram na posse dos prédios, a que atribuem valor igual ao patrimonial no total de € 6 868,61, sitos na freguesia de Linhares - indicados nas verbas um (artigo 997 urbano), três (metade indivisa do artigo rústico

1851, sendo que a esta metade indivisa acresce uma sexta parte indivisa de que já são titulares inscritos), quatro (uma quarta parte indivisa do artigo rústico 1862, sendo que a esta quarta parte indivisa acresce uma quarta parte indivisa de que já são titulares inscritos), cinco (uma sexta parte indivisa do artigo rústico 2853, sendo que a esta sexta parte indivisa acresce uma sexta parte indivisa de que já são titulares inscritos), seis (metade indivisa do artigo rústico 979, sendo que a esta metade indivisa acresce metade indivisa de que já são titulares inscritos), sete (metade indivisa do artigo rústico 1338), no ano de mil novecentos e setenta e cinco, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, feita em dia e mês que não podem precisar, por óbito dos pais do justificante marido Américo Salvador Figueiredo e mulher Maria da Luz Costa, casados sob o regime da comunhão geral e residentes no dito Campelos. Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, em composses com os demais comproprietários, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais: nos prédios rústicos de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os seus frutos, e no prédio urbano de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-os um como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios por usucapão, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

19.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 120.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/02/2016, lavrada a partir de cento e vinte e cinco do respetivo livro de notas número oitenta e dois C,

Francisco Vítor Pereira, NIF 174 266 022, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Susana Araújo dos Santos, natural da freguesia de Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente na Rua F, lote 48, Alto do Vilarinho, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de um prédio rústico composto de quintal que produz batata com uma oliveira, com a área de oitenta e cinco metros quadrados, sito nas Cortinhas, freguesia de Lavandeira, Beira Grande e Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar do norte com Leonel Correia, do nascente com Victor Álvaro dos Santos Pereira e do sul com herdeiros de Acúrcio Lerenó e do poente com Francisco Vítor Pereira, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 4361 (anteriormente inscrito sob o artigo 1184 da extinta freguesia de Selores), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 58,80, igual ao que lhe atribui.

Que, entrou na posse do referido prédio, por compra verbal, ainda no estado de solteiro, feita a António Alberto Pinto e mulher Maria Luísa Seixas, que foram casados entre si na

comunhão geral e residentes na dita freguesia de Selores, já falecidos, compra essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e oitenta, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por usucapão, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

19.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 128.

Jornal "O Pombal" n.º 230 de 29 de fevereiro de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/02/2016, lavrada a partir de cento e dezanove do respetivo livro de notas número oitenta e dois C,

José Francisco Marques, NIF 179 626 507, e mulher Isabel do Nascimento António Marques, NIF 142 568 953, casados sob regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Lusinde, concelho de Penalva do Castelo, residentes na Rua de Santo António, Castanheiro, freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães.

Um) prédio rústico composto de vinha, oliveiras, amendoeiras, árvores de fruto, corticeiras, pinhal e terra de centeio, com a área de vinte e três mil metros quadrados, sito no Cabeço, a confrontar do norte com Manuel António dos Santos, do sul com Hermengarde dos Anjos Lopes Monteiro, do nascente com Manuel Pinto - limite de Parambos e do poente com José dos Santos Silva, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 618 (anteriormente inscrito sob o artigo 346 da extinta freguesia de Castanheiro), com o valor patrimonial tributário de € 930,62, igual ao que lhe atribuem;

Dois) Catorze quinze avos indivisos de um prédio rústico composto de terra de cereal e árvores de fruto, sito na Lavandeira, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e treze da extinta freguesia de Ribalonga - sem qualquer inscrição de aquisição relativamente a catorze quinze avos - encontrando-se um quinze avos lá registado a favor de Ana de Lurdes Lopes Dias Pinheiro Marques da Costa, António Lopes das Neves Marques da Costa, António Paulo Salgado Lopes das Neves Marques da Costa, Isabel

Cristina de Sampaio e Melo Neves Marques da Costa, Jorge Manuel de Sampaio e Melo Neves Marques da Costa, Luís Filipe de Sampaio e Melo Neves Marques da Costa e Mariana do Carmo Salgado Lopes das Neves Marques da Costa, conforme inscrição apresentação um de vinte e dois de julho de mil novecentos e oitenta e sete, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1308 (anteriormente inscrito sob o artigo 619 da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial tributário correspondente à fração de € 79,64, igual ao que lhe atribuem. Que, entraram na posse dos indicados prédios, já no estado de casados, por compra verbal feita, em dia e mês que desconhecem do ano de mil novecentos e noventa e três, a Manuel Pinto Saavedra, que foi solteiro e residente no dito Castanheiro.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios rústicos por usucapão, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

19.02.2016. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 124.



Carrazeda de Ansiões

Exposição de Pintura: "e pur si muove"

Fernanda Natália



Está patente na sala de exposições temporárias do CITICA, uma exposição de pintura da autoria de Rui Duarte denominada "E pur si move". Visitámo-la e reconhecemos que foi uma agradável surpresa pelo efeito que causa no sentido da visão, levando-nos a acreditar que se trata de pinturas que representam ilusões de ótica. Efetivamente, o título dado à referida exposição adequa-se na íntegra, na medida em que cada uma das pinturas assenta numa técnica de traço que nos induz à sensação de movimento. Quase nos atreveríamos a afir-

mar que, visitar esta exposição é ter a oportunidade de observar aguarelas dinâmicas.

Contactámos o artista que pronta e gentilmente se prontificou para informações sobre si e sobre a exposição em causa, cujas palavras transcrevemos, a seguir, na íntegra:

"E pur si muove ("E no entanto ela move-se"), terão sido as palavras sussurradas por Galileu Galilei, ao terminar a leitura da renúncia a que havia sido forçado pela Inquisição, em Junho de 1633. Tratou-se, como é sabido, de obrigá-lo a desmentir publica-

mente o que tinha sido e continuava a ser sua profunda convicção, isto é, de que é a Terra que gira à volta do Sol e não o contrário.

Tomo emprestadas as palavras de Galileu, que dão título à exposição, não para desafiar uma qualquer autoridade religiosa através da Ciência, mas simplesmente para desafiar o senso comum através da Arte. Neste caso, incitar o espectador a fazer as leituras que a sua imaginação for capaz de gerar, a partir da análise de um conjunto de pinturas.

Este é um dos poderes da Arte, o de despertar consciências, li-

bertando-as de preconceitos e de ideias, frases ou imagens feitas, dando a possibilidade, a quem dela fruir, de reinterpretar, recriar, ou tão-somente questionar.

O resultado final é aquele que poderemos ver ou sacar numa primeira impressão, ou seja, um conjunto de construções, velhas ou em ruínas, feitas de linhas e cores livres e animadas, que convidam o espectador a embarcar na vida e movimento que elas insinuam, num registo estético que oscila entre o figurativo e o surreal. E no entanto elas movem-se..."



Crónicas de uma pombalense

Eutanásia: a favor ou contra?

Hermínia Almeida



O tema da eutanásia tem estado na ordem do dia. Tornou-se, nos últimos tempos, uma questão central de bioética, mas, também, assunto de debate nos meandros da política da atualidade.

Para os leitores que não sabem, a eutanásia é a prática pela qual se põe fim à vida de um doente incurável e em grande sofrimento, a pedido do mesmo, de forma controlada e assistida por um especialista. Também há quem lhe chame suicídio assistido, mas enquanto na eutanásia é uma terceira pessoa que executa o ato, no suicídio assistido é o próprio doente que provoca a sua morte, ainda que com a ajuda de terceiros. Indo mesmo à origem etimológica da palavra, eutanásia é um termo de origem grega que significa “boa morte” ou “morte sem dor”.

Trata-se, naturalmente, de um

assunto muito controverso e delicado.

As opiniões dividem-se. Por um lado há quem defenda o valor da vida como um bem supremo, aceitando o processo natural da morte, mesmo que isso signifique uma grande incapacidade física e psíquica. Por outro, há os que defendem que cada um tem direito à liberdade de escolha e por isso deve poder escolher apressar a sua morte em caso de profundo sofrimento e dependência, evitando, assim, o prolongamento de uma vida penosa e sem sentido.

Os defensores da eutanásia ou suicídio assistido argumentam que, para além de ser uma forma de evitar o prolongamento da dor e o sofrimento de doentes em fase terminal, esta prática é um direito do paciente que reclama uma morte com mais dignidade.

Para aqueles que defendem que toda a vida humana merece ser vivida, a eutanásia é rejeitada, por vários aspetos. Do ponto de vista religioso, defendem que sendo a vida um dom divino, só Deus pode acabar com a vida de alguém, por isso, praticar a eutanásia seria contrariar o direito de cada um à vida humana. Já do ponto de vista da ética médica, cabe aos agentes da medicina assistir o doente, proporcionando-lhe todos os meios necessários e disponíveis para o seu tratamento.

Saliente-se que a maior parte das culturas não admite a prática da eutanásia, embora haja alguns países, como a Holanda, a Bélgica, a Suíça e os Estados Unidos da América, por exemplo, onde ela já é uma prática legal. A Holanda foi o primeiro país do mundo a legalizar a eutanásia e o suicídio assistido, em

2002, sob um conjunto de condições. Seguiu-se a Bélgica, ainda no mesmo ano. Na Suíça e na Alemanha o suicídio assistido é permitido desde que o doente não tenha ajuda de terceiros no momento da morte. Por cá, o código penal português considera crime a ajuda ao suicídio ou homicídio mesmo que seja a pedido da vítima ou por compaixão.

Nos últimos meses o tema da eutanásia tem sido objeto de abordagem política, em Portugal. Há quem pretenda legalizá-la cá. Penso que este tema exige reflexão pessoal e debate público. Ser a favor ou contra é uma decisão que cabe a cada um de nós. Em qualquer dos casos, é importante estarmos bem informados. Se formos, algum dia, chamados a opinar, espero ter dado o meu pequeno contributo para que cada um encontre o seu caminho.

Prova de Vinhos

ARCPA 24 de Abril

